

# A aquisição/aprendizagem do espanhol e sua relação com a aprendizagem do português na escola

Adriana Martins Simões (PG – USP/CNPq)

## Introdução

Apresentamos neste trabalho parte dos resultados de nossa pesquisa (SIMÕES, 2010)<sup>1</sup>, a respeito da aquisição/aprendizagem do objeto direto pronominal de 3ª pessoa por aprendizes brasileiros de duas diferentes gerações, focalizando a atuação do português na escola nesse processo. Considerando-se as diferenças sintáticas entre o espanhol e o português brasileiro (doravante PB) (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005, 2008) e a mudança linguística que ocorreu nesta última língua (CYRINO, 1993, 1996; DUARTE, 1989; GALVES, 1993, 2001; KATO, 1993; TARALLO, 1993), partimos da hipótese de que os aprendizes mais jovens teriam sua gramática não nativa mais permeável à gramática contemporânea do PB. Analisamos livros didáticos que teriam constituído o *input* linguístico durante a aprendizagem do português na escola. Os dados de nossa pesquisa se constituíram de testes de aceitabilidade sobre a gramática não nativa do espanhol e a gramática do PB. Esses testes foram analisados à luz do modelo teórico gerativista de aquisição/aprendizagem de língua estrangeira (LE) (GONZÁLEZ, 1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005; LICERAS, 1996, 1997, 2002, 2003) e da proposta de mudança linguística de Lightfoot (2006), tendo em vista as concepções biológica (CHOMSKY, 1981, 1986) e social (LABOV, 2008; WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006) de língua e gramática.

Na primeira parte do artigo apresentamos as concepções de língua e gramática com as quais lidamos. A seguir, abordamos as diferenças sintáticas entre o espanhol e o PB. Na terceira e quarta parte apresentamos a metodologia e o referencial teórico, respectivamente. A quarta parte é dedicada a uma breve análise de materiais didáticos no ensino

---

1 Dissertação de mestrado realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada pela Profa. Dra. Neide Therezinha Maia González. Para a realização dessa pesquisa recebemos uma bolsa da CAPES.

de português. Na quinta parte apresentamos e discutimos os resultados de nossa pesquisa e por fim estão as considerações finais.

## A concepção de língua e gramática

Em nossa pesquisa lidamos com a concepção de língua e gramática a partir de uma perspectiva biológica (CHOMSKY, 1981, 1986). Conforme essa concepção teórica, os seres humanos seriam dotados de uma capacidade linguística inata, denominada de Faculdade da Linguagem (FL).

Nesse modelo, a aquisição da linguagem se daria pela interação da Gramática Universal (GU) com os dados do ambiente linguístico. Esse processo levaria à fixação de parâmetros e à emergência de uma língua-I, que constituiria o estado final de aquisição de uma língua.

A língua-I se caracterizaria por ser internalizada, intensional e individual, opondo-se a língua-E, que se caracterizaria por ser externa e extensional. Assim, enquanto a língua-I constitui o conhecimento que determinado falante tem de sua língua, a sua competência linguística, a língua-E constitui o desempenho linguístico, o uso que se faz da língua a partir do seu conhecimento internalizado.

Ao fixar os parâmetros de sua língua materna (LM), um falante teria representada em sua mente/cérebro uma gramática nuclear. Por outro lado, fenômenos como resíduos de mudança linguística, empréstimos de outras línguas e invenções seriam incorporados à periferia marcada, que não se origina a partir de fixação paramétrica. A língua-I seria formada pela gramática nuclear e pela periferia marcada.

Aliada à perspectiva biológica, lidamos também com a concepção social de língua (LABOV, 2008; WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006). Conforme Labov (2008), os sistemas linguísticos apresentam um caráter heterogêneo. Assim, ao estarem inseridas em ambientes sociais, as comunidades de fala, as línguas variam. Esse processo de variação estaria relacionado a regras inerentes ao sistema, a fatores sociais e poderia ou não desencadear mudança linguística.

A combinação dessas duas perspectivas teóricas em nosso trabalho fez-se necessária em virtude da complexidade de nosso objeto de estudo<sup>2</sup>. Assim, no âmbito do PB, por um lado, temos uma gramática oriunda de aquisição natural, que denominamos de gramática adquirida, como veremos. Por outro lado, temos a gramática que é decorrente de aprendizagem formal, que denominamos de gramática aprendida e se relaciona a questões sociais como faixa etária e nível de instrução dos falantes. O PB apresenta, portanto, uma coexistência de gramáticas. Quanto à aquisição/aprendizagem do espanhol, observamos

2 Pesquisadores como Kato & Tarallo (1986) conjugaram essas duas teorias linguísticas e obtiveram resultados significativos a respeito do PB.

diferentes fatores sociais e sua relação com esse processo, que são aspectos que já se mostraram relevantes na pesquisa de Yokota (2007) e em nossa pesquisa anterior (SIMÕES, 2006). No próximo item apresentaremos as diferenças entre a gramática do espanhol e do PB na realização do objeto direto pronominal.

## Diferenças sintáticas entre o espanhol e o PB

De acordo com González (1994, 1998, 1999, 2001, 2003, 2005, 2008), o espanhol e o PB são línguas que apresentam uma inversa assimetria em diferentes construções sintáticas<sup>3</sup>, entre elas a realização do objeto direto pronominal de 3ª pessoa. Sendo assim, enquanto no espanhol a expressão dessa função sintática é realizada mediante um clítico, que pode aparecer duplicado por um pronome tônico por razões discursivas [exemplo (2)], no PB é realizada pelo pronome lexical ou objeto nulo. Observem-se as sentenças a seguir, extraídas de (GONZÁLEZ, 2001), que ilustram essas diferenças entre as duas línguas.

- (1) Vi **ele** ontem na rua.
- (2) Lo vi **a él** ayer en la calle (, no a ella).
- (3) Lo vi ayer en la calle.
- (4) \*Vi [a] **él** ayer en la calle.
- (5) A Joana viu  $\emptyset$  na televisão ontem.
- (6) \*Juana  $\emptyset$  vio en la televisión ayer.
- (7) Juana **lo** vio en la televisión ayer.

As diferenças sintáticas entre o espanhol e o PB são decorrentes da mudança linguística que se processou neste último no século XIX (CYRINO, 1993, 1996; DUARTE, 1989; GALVES, 1993, 2001; KATO, 1993; TARALLO, 1993) e ocasionou a perda do clítico acusativo, a ampliação da possibilidade do objeto nulo, o surgimento do pronome lexical em função acusativa, entre outros fenômenos. Os dados diacrônicos de Tarallo (1983, *apud* 1993) mostraram que foi a partir da 1ª metade do século XIX que começou a haver um decréscimo no preenchimento do objeto direto, como se observa na tabela 1. Os resultados de Cyrino (1990, *apud* CYRINO, 1993) apontam a ampliação de objetos nulos no mesmo período de Tarallo (1983, *apud* 1993), além de uma diminuição dos clíticos e o aparecimento do pronome lexical a partir da 2ª metade do século XIX, como mostra a tabela 2.

3 Essa inversa assimetria entre o espanhol e o PB foi constatada por González (1994) no âmbito da realização do sujeito pronominal, do objeto indireto pronominal, das construções reflexivas e pronominais, das construções com dativos, das construções passivas e impessoais, da colocação pronominal e das construções relativas. Todas essas construções sintáticas se relacionam à mudança ocorrida no PB.

Tabela 1 - Preenchimento do objeto direto pronominal - Adaptado de Tarallo (1983 *apud* 1993)

% de preenchimento do objeto direto	Data
89,2%	1725
96,2%	1775
83,7%	1825
60,2%	1875
18,2%	1982

Tabela 2 - Realização de objeto nulo, clítico e pronome tônico ao longo dos séculos - Adaptado de Cyrino (1990 *apud* 1993)

% de pronome tônico	% de clítico	% de objeto nulo	Datas
0%	100%	14,2%	1ª met. Séc. XVIII
0%	100%	41,6%	1ª met. Séc. XIX
8,6%	91,3%	23,2%	2ª met. Séc. XIX
18,3%	81,6%	69,5%	1ª met. Séc. XX
52,6%	47,3%	81,1%	1ª met. Séc. XX

Vejamos a seguir mais detidamente cada uma das formas de realização do objeto direto no espanhol e no PB.

No que se concerne ao clítico, no espanhol, esta forma pronominal é adquirida naturalmente e é produzida inclusive por falantes sem escolaridade (FANJUL, 1999), de modo que corresponderia à gramática nuclear. Quanto ao PB, o clítico já não corresponde a aquisição natural. Os resultados de Magalhães (2006) demonstram que crianças que adquirem o PB como língua materna não apresentam clíticos em sua produção. Por outro lado, o clítico mantém-se no PB mediante aprendizagem formal e incorpora-se à periferia marcada (GALVES, 2001; KATO, 2005).

Os dados de Duarte (1989) revelaram que no PB esse pronome não está presente na fala de jovens e de pessoas com baixa escolaridade e tende a aumentar conforme aumenta o nível de escolaridade dos falantes<sup>4</sup>. Além disso, os dados de Correa (1990, *apud* NUNES, 1993) demonstraram que o clítico aparece primeiro na escrita e apenas após alguns anos de escolaridade começa a aparecer na fala, bem como há um aumento de sua frequência conforme se eleva o nível de instrução do falante e isso ocorre, sobretudo, na modalidade escrita da língua. Observem-se as sentenças (8) e (9) a seguir, que apesar de aparentemente idênticas, compreendem diferentes formas de incorporação do clítico na gramática dos falantes nativos de espanhol e de PB:

4 Contudo, Duarte (1989) constatou que o uso do clítico em construções de imperativo e tempo composto soa pedante para os falantes do PB, de modo que preferem utilizar o pronome lexical, embora essa forma pronominal não seja considerada correta.

- (8) Juan lo vio ayer.  
(9) O João o viu ontem.

Em relação ao objeto nulo, nas variedades de espanhol em geral, essa categoria vazia apenas seria possível com antecedente [-específico; -definido] (CAMPOS, 1986; FERNÁNDEZ SORIANO, 1999), apesar de haver algumas variedades em que o objeto nulo ocorreria em contextos mais amplos<sup>5</sup> (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999). Já no PB, o objeto nulo poderia ocorrer tanto com antecedente [-animado; -específico] quanto com antecedente [+animado; -específico] e [-animado; +específico] (CYRINO, 1996). Na análise sociolinguística de Duarte (1989) essa categoria vazia é favorecida pelo traço [-animado] do antecedente e foi a variante mais recorrente para a expressão do objeto direto pelos falantes de todas as faixas etárias e níveis de instrução, o que revela, segundo essa autora, seu estágio avançado de implementação no PB. Nas sentenças (10)<sup>6</sup> e (11) a seguir podemos observar o contraste na possibilidade de objeto nulo entre o espanhol e o PB<sup>7</sup>.

- (10a) — ¿Compraste flores?  
— Sí, Ø/\*las compré.  
(10b) — ¿Compraste las flores?  
— Sí, \*Ø/las compré.  
(11a) — Você comprou flores?  
— Comprei Ø.  
(11b) — Você comprou as flores?  
— Comprei Ø.

Quanto ao pronome lexical, enquanto no espanhol seria um pronome forte que poderia duplicar o clítico apenas em casos de antecedente [+humano] e quando haja a necessidade de estabelecer contraste entre os referentes do discurso [exemplo (12b)] (GROPPI, 1997), no PB, esse pronome perdeu a restrição a antecedente [+humano] e seria considerado um pronome fraco (KATO, 2002). Assim, conforme Galves (2001, p. 162), o antecedente da sentença (13b), extraída do *corpus* do projeto NURC, é *carro*, uma entidade [-humana]. Apesar de poder referir-se a sintagmas nominais [-humanos], de

5 Conforme Fernández Ordóñez (1999), nas variedades de espanhol da Serra do Equador e do Paraguai o objeto nulo poderia ter como antecedente um sintagma nominal [-animado; +determinado].

6 Exemplos extraídos e adaptados de Campos (1999, p. 1530).

7 No PB, essas construções de pergunta e resposta em que há um paralelismo entre os verbos podem ser analisadas como elipse de sintagma verbal (cf. KATO, 2003). Nessas construções, o objeto nulo do PB poderia inclusive ser [+animado; +específico], o que seria agramatical no espanhol.

(1) — Você viu o **João**?  
— Vi Ø.

(2) — ¿Viste **a Juan**?  
— Sí, \*Ø/**lo** vi.

acordo com Duarte (1989), o pronome lexical seria favorecido por antecedente [+animado]. Além disso, embora represente junto com o clítico o paradigma para a expressão do objeto direto de 3ª pessoa do PB culto (GALVES, 2001), os resultados de Duarte (1989) revelam que o pronome lexical tende a diminuir na produção dos falantes do PB conforme aumenta a faixa etária e o nível de instrução, já que se trata da variante estigmatizada.

(12a) \*Vi él.

(12b) Lo vi a él.

(13a) Eu vi ele.

(13b) Se tiver muita pressa, eu largo ele num lugar proibido mesmo (SP).

Vimos nesta parte as diferenças na expressão do objeto direto pronominal de 3ª pessoa entre o espanhol e o PB. Assim, enquanto no espanhol o clítico é adquirido de forma natural, o objeto nulo seria restringido e o pronome lexical poderia apenas duplicar o clítico por razões discursivas, no PB o clítico corresponde a aprendizagem formal e o objeto nulo e o pronome lexical seriam as formas que correspondem ao PB adquirido. Considerando-se essas diferenças sintáticas entre as duas línguas, nosso trabalho teve como hipótese que os aprendizes de espanhol mais jovens teriam sua gramática não nativa mais permeável à gramática contemporânea do PB. A seguir, abordaremos o referencial teórico de nossa pesquisa.

## Referencial teórico

### A teoria de aquisição/aprendizagem do espanhol

De acordo com a proposta de Liceras (1996, 1997, 2002, 2003), o processo de aquisição de uma língua LE difere do da aquisição da LM. Sendo assim, enquanto na aquisição da LM os dados linguísticos do ambiente interagem com a GU e levam à fixação de parâmetros e à emergência da gramática de uma língua, conforme vimos anteriormente, na aquisição de uma LE os dados linguísticos não levariam a (re)fixação de parâmetros.

Essa diferença entre esses dois processos seria em virtude de que a aquisição da LM ocorre a partir do nível prosódico e fonológico da língua, denominado por essa autora de procedimento *bottom-up*. Quanto à aquisição da LE, como os aprendizes já teriam uma GU madura e o nível prosódico e fonológico sofisticado, não seriam sensíveis aos elementos abstratos que conduzem à fixação de parâmetros, de modo que seu acesso à LE seria a partir de estruturas sintáticas da língua alvo, o que essa autora denomina de procedimento *top-down*.

Portanto, ao contrário do que ocorre na aquisição da LM, a aquisição de uma LE não se configuraria como o crescimento de uma gramática, mas como um processo de reestruturação da gramática não nativa. Esse processo de aquisição da LE se daria por reestruturações locais em porções isoladas da língua a partir dos padrões da LM e de estruturas visíveis da LE. Além disso, as diferenças entre os dois processos fariam com que a gramática não nativa não apresente uma representação mental como a de um falante nativo.

Apesar dessas diferenças, conforme Liceras (1996), assim como ocorre no âmbito da LM, o aprendiz de LE também teria intuições a respeito da gramática dessa língua mediante a confrontação dos dados da LE a partir de procedimentos secundários de domínio específico.

Neste trabalho, nos centraremos na questão da reestruturação da gramática não nativa, mostrando evidências de sua ocorrência e assumiremos que o aprendiz de LE apresenta intuições acerca da gramática da LE.

## A teoria da mudança linguística

Conforme a proposta de mudança linguística de Lightfoot (2006), tendo em vista que a língua-I de um determinado indivíduo é estável, enquanto sua língua-E está em constante fluxo e apresenta instabilidade, as mudanças que se processam na esfera da língua-E não promoveriam alterações em sua língua-I, mas poderiam levar a mudanças na língua-I dos falantes da próxima geração. Já a língua-I levaria a mudanças na língua-E, uma vez que, segundo esse autor, a língua-E constituiria o *output* da gramática.

Portanto, de acordo com Lightfoot, a mudança linguística se desencadearia a partir da interação entre a língua-I e a língua-E, de modo que ocorreria no momento da aquisição da linguagem e quando há variação linguística. Por outro lado, enquanto a mudança na língua-E seria gradual e essa seria a forma como se espalha pelo espaço geográfico e social, a mudança na língua-I seria abrupta e catastrófica na medida em que corresponde a uma alteração no valor de um determinado parâmetro de uma geração a outra.

A construção sintática que analisamos em nossa pesquisa passou por um processo de mudança linguística no PB no século XIX, como vimos. Isso fez com que o clítico acusativo fosse excluído do PB como processo de aquisição natural e ocorresse a ampliação na possibilidade de objetos nulos e o surgimento do pronome lexical nessa função sintática. Assim, ocorreu uma alteração no valor dos parâmetros da língua-I enquanto gramática nuclear. Por outro lado, o clítico manteve-se na gramática do PB enquanto manifestação social, o que pertence à esfera da língua-E. Tendo em vista essas questões, em nossa pesquisa o objetivo foi verificar a atuação da mudança linguística no âmbito da

língua-E na gramática dos falantes do PB das duas gerações e sua relação com a escolaridade, bem como se isso se refletiria na gramática não nativa do espanhol.

## Metodologia

Elaboramos e analisamos testes de aceitabilidade com vistas a detectar a intuição dos aprendizes em sua LM, o PB, e na gramática não nativa do espanhol<sup>8</sup>. Nossa ideia era de que a comparação dos resultados desses testes pudesse oferecer evidências a respeito da gramática não nativa do espanhol.

Como variável dependente, investigamos a retomada de um antecedente em função de objeto direto e com diferentes traços semânticos pelo clítico, objeto nulo ou pronome lexical. Quanto às variáveis independentes, analisamos o fator faixa etária, nível de instrução e nível de aprendizagem do espanhol. Assim, esses testes foram aplicados a informantes entre 12 e 18 anos, que compreendem a faixa etária 1 (FE1), e a aprendizes a partir dos 50 anos, que compreendem a faixa etária 2 (FE2). Quanto ao nível de instrução, os informantes se dividiam entre os que estavam cursando o Ensino Fundamental (EF), os que estavam cursando ou já haviam cursado o Ensino Médio (EM) e os que haviam cursado o Ensino Superior. No que se refere ao nível de aprendizagem de espanhol, os informantes se dividiam entre nível básico (100-120 horas/aula), intermediário (175-280 horas/aula) e avançado (315-430 horas/aula).

Realizamos uma análise quantitativa dos dados mediante a utilização do programa estatístico *Package for the Social Sciences*, SPSS, versão 15.0 para Windows, extraindo a média de aceitabilidade das variáveis dependentes.

## Análise dos livros didáticos

Realizamos uma breve análise a respeito da abordagem do objeto direto pronominal de 3ª pessoa em livros didáticos que correspondem a dois diferentes períodos no ensino de português no Brasil. Nosso objetivo foi verificar o *input* linguístico com o qual acreditamos que as duas gerações de falantes que investigamos tiveram ou têm contato na aprendizagem do português na escola.

Assim, no que concerne à geração da FE2, analisamos *Manual de Gramática do Português* (1962), de Celso Cunha, destinado a alunos da 1ª e 2ª séries do curso ginásial. Quanto à geração da FE1, analisamos *Português: Uma proposta para o letramento* (2002),

<sup>8</sup> Na parte dedicada ao referencial teórico, vimos que Licerias (1996, p. 33) propõe que o aprendiz de LE possui intuições sobre a língua que está adquirindo. No âmbito das gramáticas do PB, a gramática adquirida seria aquela sobre a qual um falante teria intuições, segundo Chomsky (1981). Por outro lado, como propomos em nossa pesquisa (SIMÕES, 2010) que a gramática não nativa do espanhol teria o mesmo estatuto da gramática aprendida do PB (cf. KATO, 2005), assumimos que também haveria intuição na gramática aprendida do PB, que se assemelharia à intuição sobre a gramática não nativa.



de Magda Soares, destinado a alunos da 8ª série, e *Português: Linguagens* (2003), de William Cereja e Thereza Magalhães, destinado a alunos do Ensino Médio.

Em relação ao livro *Manual de Gramática do Português* (CUNHA, 1962), observamos que, apesar de o PB já apresentar variação/mudança no âmbito da realização do objeto direto pronominal, já que esse processo começou a ocorrer na segunda metade do século XIX (TARALLO, 1993), o clítico constitui a única forma para a expressão dessa função sintática, assim como suas variações conforme a forma verbal e combinação com o objeto indireto<sup>9</sup>. Os exercícios propostos nesse livro consistiam em análise linguística, em alguns casos a partir de textos literários, e em perguntas metalinguísticas.

Tendo em vista essas questões, por um lado, revelam que não havia uma aceitação e legitimação das formas que constituem o português falado no Brasil, oriundas da variação/mudança que se processou nessa língua. Por outro lado, observa-se a valorização da língua idealizada a que se refere Mattos e Silva (2004), cuja base é a norma linguística pautada na gramática normativa<sup>10</sup>.

No que se refere ao livro *Português: Uma proposta para o letramento* (SOARES, 2002), observamos que não se abordam regras gramaticais e a língua é ensinada a partir de diferentes gêneros discursivos e exercícios de reflexão.

Quanto ao livro *Português: linguagens* (CEREJA & MAGALHÃES, 2003), observamos que no primeiro capítulo, que trata das variedades linguísticas, o clítico é associado à variedade padrão da língua, de modo que seu emprego remete ao registro formal, que seria mais comum na modalidade escrita<sup>11</sup>.

Em outro capítulo, o pronome lexical em função de objeto direto é apresentado como uma forma de expressão dessa função sintática, porém relacionado à língua coloquial<sup>12</sup>. No âmbito dos exercícios, verificamos a abordagem da variação linguística e, sobretudo, se enfatiza a norma padrão<sup>13</sup>.

9 Observamos que no capítulo que trata dos pronomes pessoais, se mencionam os clíticos *o*, *a* como integrantes dos pronomes oblíquos átonos, bem como as formas *lo*, *la*, *los*, *las*, *no*, *na*, *nos*, *nas*, que poderiam assumir esses pronomes.

10 Conforme Mattos e Silva (2004), ao adotar uma postura de defesa da norma linguística da tradição cultural dominante, norma esta que não se reflete no vernáculo do PB, se desconsidera a diversidade linguística do Brasil, que decorre da diversidade cultural, social e econômica do país. De acordo com Lucchesi (2001), o PB teria se constituído a partir de duas vertentes bipolares da língua. Assim, de um lado havia o português culto da elite e de outro o português difundido por portugueses de extratos sociais baixos e que era adquirido na oralidade por africanos e indígenas.

11 A abordagem do clítico foi feita mediante diálogos curtos inseridos em tiras. Assim, aparecem as formas *ofendê-las* e *as respeito* do clítico. Na explicação dada ao aluno, o uso da variedade padrão da língua é associado à idade do personagem e à polidez com que se expressa.

12 O pronome lexical é apresentado aos alunos em uma tira na sentença *Eu amo ele*, cujo referente é o substantivo *carro*, que é [-humano].

13 Um dos exercícios que analisamos no livro foi proposto a partir da tira que apresenta o pronome lexical. No enunciado de uma das questões desse exercício, primeiro se esclarece ao aluno que o pronome *ele* não corresponde à variedade padrão, mas seu emprego seria coerente com a situação comunicativa. Depois se solicita ao aluno que explique a razão dessa coerência na situação comunicativa da tira.

Ao contrário do processo de aprendizagem escolar do português da geração da FE2, observa-se que no ensino dessa geração o clítico já não aparece como a única possibilidade da língua para a expressão do objeto direto pronominal, mas relacionado à língua culta, enquanto o pronome lexical é reconhecido como uma forma legítima no PB relacionado ao registro informal. De acordo com Lucchesi (2001), nas últimas décadas do século XX, a vulgarização do ensino público e os meios de comunicação de massa teriam contribuído para que ocorresse a consolidação do afrouxamento da norma no português culto, que se afastou, portanto, dos padrões normativos<sup>14</sup>.

A análise desses livros didáticos nos permitiu concluir que o ensino dessas duas gerações atua na recuperação e manutenção do clítico em sua gramática. Entretanto, como há diferenças na abordagem, a consequência seria que a geração da FE2 teria o clítico mais consolidado do que a geração da FE1. Esta geração, por sua vez, que foi exposta à variação linguística, seria natural apresentar uma melhor aceitação do pronome lexical, que corresponde à forma pronominal internalizada para expressar o objeto direto. Essas constatações nos apoiarão na análise a respeito da intuição na gramática do PB e seu reflexo na gramática não nativa do espanhol, que será apresentada e discutida a seguir.

## A análise dos dados

### As gramáticas do PB

A partir da análise dos testes de aceitabilidade, observamos que os falantes das duas gerações apresentam a coexistência de gramáticas do PB. Isso significa que tanto os informantes da FE1 quanto os da FE2 aceitaram o clítico, que corresponde à gramática aprendida, e o objeto nulo e o pronome lexical, que correspondem à gramática adquirida. Por outro lado, constatamos que essa coexistência de gramáticas se manifesta de forma assimétrica entre as duas gerações, na medida em que os falantes da FE1 apresentaram índices mais elevados de aceitabilidade do objeto nulo e do pronome lexical, enquanto os falantes da FE2 apresentaram índices mais elevados do clítico.

Em relação ao fator instrução formal, foram os informantes com ES os que apresentaram os índices mais elevados do clítico. No caso do objeto nulo, esta forma apresentou

14 Entretanto, conforme Lucchesi (2001), apesar de afastar-se dos padrões normativos, o PB ainda apresenta conflitos em relação à realidade linguística por preservar aspectos que são do português europeu. Mattos e Silva (2004) considera um equívoco alegar que os jovens sofrem de uma 'carência linguística', uma vez que eles dominam a norma do grupo social no qual estão inseridos. O que os jovens não dominam seria a norma arbitrária, que não pertence à sua realidade social. Conforme essa autora, o ensino que tem como base a norma linguística idealizada e prescritiva levaria o falante adulto a acreditar ser um deficiente em sua língua e isso constitui uma distorção no desenvolvimento do ensino de português. Para essa autora, o papel da escola é enriquecer o potencial linguístico dos alunos, considerando "a multiplicidade de comunidades de fala que compõe o universo de qualquer língua natural (...)" (MATTOS e SILVA, 2004, p. 28).

variabilidade entre os diferentes grupos de informantes, sendo menos aceito entre os do ES. Quanto ao pronome lexical, os informantes do EF apresentaram os índices mais elevados desse pronome<sup>15</sup>. Tanto no que concerne ao fator faixa etária quanto ao fator nível de instrução, esses resultados se assemelham às tendências encontradas por Duarte (1989) em sua pesquisa sociolinguística a respeito do PB.

Atribuímos esses resultados ao processo de escolarização dessas duas gerações de falantes do PB. No que se refere aos falantes da FE2, o processo de aprendizagem do português na escola dessa geração teria levado a uma melhor consolidação do clítico, na medida em que se caracterizou por uma maior pressão da gramática normativa, com noções de correção e prestígio social e sem o reconhecimento das formas inovadoras do PB. Segundo Mattos e Silva (2004), a variedade da língua que conserva as normas estabelecidas do passado seria a variedade de uma elite cultural, que representa uma minoria da população e compreende uma faixa etária avançada. Essa elite se diferenciaria da população jovem não apenas pela idade, mas pela diferença sociocultural.

Quanto ao ensino de português da geração da FE1, este teria sido menos permeado pela noção de norma linguística e a abordagem da variação linguística teria feito com que as inovações do PB não fossem consideradas como erros, mas como possibilidades da língua que, como no caso do pronome lexical, poderiam ser empregadas em determinados contextos. Vimos que, segundo Lucchesi (2001), a vulgarização do ensino público e os meios de comunicação de massa teriam contribuído para a consolidação do afrouxamento da norma no português culto. Para Mattos e Silva (2004) um dos fatores que teria levado à desigualdade linguística entre as gerações teria sido a massificação do ensino, que antes apenas era acessível à população de nível socioeconômico privilegiado. Todos esses fatores teriam conduzido a uma maior aceitação das formas que correspondem à gramática do PB adquirida.

É possível que os informantes da FE2 que responderam aos nossos testes não pertençam todos à elite a que Mattos e Silva (2004) se refere. Porém, a assimetria que constatamos na gramática do PB dessas duas gerações revelaria que a geração da FE2 representaria um *continuum* entre essa elite cultural e as gerações jovens da atualidade.

No que se refere à mudança linguística, considerando-se a proposta de Lightfoot (2006), a assimetria na gramática das duas gerações de falantes revela o processo gradual da mudança linguística no PB no âmbito da língua-E e sua relação com os fatores sociais faixa etária e nível de instrução. Veremos a seguir os resultados a respeito da gramática não nativa do espanhol e sua relação com as gramáticas do PB.

15 Em relação aos traços semânticos do antecedente, o clítico é favorecido quando o referente é [+/-animado; +específico] e quando é [+animado; -específico] em especial entre os falantes da FE2. Já o objeto nulo tende a ser favorecido por antecedente [-animado]. Quanto ao pronome lexical, este é favorecido por antecedente [+/-animado; +específico].

## A aquisição/aprendizagem do espanhol

Em relação à aquisição/aprendizagem do espanhol, a análise dos testes de aceitabilidade revelou que, assim como na gramática do PB, foram os aprendizes da FE2 os que apresentaram os índices mais elevados de aceitabilidade do clítico na gramática não nativa do espanhol, enquanto os aprendizes da FE1 apresentaram os índices mais elevados de objeto nulo e pronome lexical.

Esses resultados confirmam nossa hipótese de que a geração mais jovem de falantes do PB teria sua gramática não nativa mais permeável à gramática contemporânea do PB.

No que concerne ao fator nível de instrução, observamos que os aprendizes com o ES foram os que apresentaram os índices mais elevados de aceitabilidade do clítico<sup>16</sup>. Com relação ao objeto nulo, que é a variante neutra, houve variabilidade entre os diferentes níveis de instrução. Quanto ao pronome lexical, que é a variante estigmatizada, constatamos que enquanto os informantes do EF da FE1 foram os que apresentaram os maiores índices de aceitabilidade desse pronome na gramática do PB, no caso dos informantes da FE2, o pronome lexical apresentou índices mais elevados na gramática não nativa do espanhol e no grupo de informantes com o ES17. Isso revela que os informantes dessa faixa etária teriam o pronome lexical refletido de forma mais livre na gramática não nativa do espanhol do que na gramática do PB e constitui um indício da atuação da gramática da LM na aquisição/aprendizagem do espanhol.

Por outro lado, constatamos que há um aumento no índice de aceitabilidade do clítico e uma diminuição no índice de aceitabilidade do objeto nulo e pronome lexical conforme aumenta o nível de aprendizagem do espanhol. Isso sugere a ocorrência de reestruturação da gramática não nativa à medida que o aprendiz é exposto por mais tempo ao *input* e às regras do espanhol (LICERAS, 1996, 1997, 2002, 2003).

Entretanto, como foram os aprendizes da FE2 e, sobretudo, os que possuem o ES, os que apresentaram os índices mais elevados de aceitabilidade do clítico, tanto na gramática não nativa quanto na do PB, atribuímos esse resultado não apenas à reestruturação da gramática não nativa, mas também ao reflexo do PB aprendido e à consolidação da norma linguística dessa faixa etária. Assim, parte do que pareceria ser um reflexo da gramática do espanhol na gramática não nativa dos aprendizes dessa faixa etária seria, na realidade, o reflexo da gramática do PB aprendida.

16 Observamos que o clítico na gramática não nativa do espanhol tende a ser favorecido sobretudo quando o antecedente é [+animado; +específico] e [-animado; +específico].

17 Além disso, verificamos que entre os aprendizes da FE2, o pronome lexical é favorecido pelos traços [+animado] e/ou [+específico].

Apesar de haver evidências de reestruturação da gramática não nativa, a permeabilidade à gramática da LM se mantém, já que os aprendizes de níveis mais avançados de aprendizagem continuam aceitando o objeto nulo<sup>18</sup> e pronome lexical.

## Considerações finais

Constatamos que a coexistência de gramáticas no PB apresenta diferentes graus de consolidação e aceitação entre os falantes das duas diferentes gerações devido ao processo de aprendizagem do português na escola a que foram expostas (LUCCHESI, 2001; MATTOS e SILVA, 2004).

Essa assimetria se reflete na gramática não nativa do espanhol desses aprendizes, de modo que confirmamos nossa hipótese de que os aprendizes mais jovens tem sua gramática não nativa mais permeável à gramática adquirida do PB. Além disso, observamos que parte do que parece ser um reflexo da gramática do espanhol na gramática não nativa dos aprendizes da FE2 seria, na realidade, o reflexo da gramática aprendida do PB.

Por outro lado, observamos a ocorrência de reestruturação da gramática não nativa dos aprendizes (LICERAS, 1996, 1997, 2002, 2003) conforme o aprendiz é exposto por mais tempo ao *input* e às regras do espanhol.

## Referências

- CAMPOS, Hector (1986). Indefinite object drop. Em: *Linguistic Inquiry*, n. 17, p. 354-359.
- CEREJA, William; MAGALHÃES, Thereza (2003). *Português: Linguagens. 1º ao 3º ano do Ensino Médio*. São Paulo: Atual Editora.
- CHOMSKY, Noam (1981). *Lectures on Governing and Binding*. Dordrecht: Foris.
- \_\_\_\_\_ (1986). *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. New York: Praeger.
- CUNHA, Celso (1962). *Manual de Português: primeira e segunda séries ginasiais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: São José.
- CYRINO, Sonia Maria Lazzarini (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. Em: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, p. 163-184. Campinas - SP: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_ (1996). O objeto nulo do português brasileiro. Em: *DELTA*, v. 12, nº 2, p. 221-238.
- DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia (1989): Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Em: TARALLO, Fernando (Org.). *Fotografias Sociolingüísticas*, p. 19-34. Campinas, SP: Pontes - Editora da Unicamp.
- FANJUL, Adrián (1999). Espacio de la persona en la versión português-español: un problema de identidad discursiva. Em: *Estudos Acadêmicos UNIBERO*, v. 10, p.135 -154.

18 O objeto nulo continua sendo aceito na gramática não nativa de aprendizes do nível avançado com antecedentes em que essa categoria vazia não seria possível na gramática do espanhol.

- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés (1999). Leísmo, laísmo y loísmo. Em: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, p. 1317-1391. Madrid: Espasa.
- FERNÁNDEZ SORIANO, Olga (1999). El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. Em: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta (Org.). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, p. 1209-1273. Madrid: Espasa.
- GALVES, Charlotte (1993). O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. Em: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, p. 387-408. Campinas - SP: Editora da Unicamp.
- \_\_\_\_\_ (2001). *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas - SP: Editora da Unicamp.
- GONZÁLEZ, Neide Therezinha Maia (1994). *Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutorado. DL/FFLCH/USP. São Paulo, inédita.
- \_\_\_\_\_ (1998). Pero ¿qué gramática es ésta? Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de Español/LE. Em: *RILCE: 14.2: Español como lengua extranjera: investigación y docencia*, Pamplona: Universidad de Navarra, p. 243-263.
- \_\_\_\_\_ (1999). Sobre a aquisição de clíticos do espanhol por falantes nativos do português. Em: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 36, Campinas: UNICAMP/IEL, p. 163-176.
- \_\_\_\_\_ (2001). La expresión de la persona en la producción de español lengua extranjera de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis. Em: TROUCHE, A. L. G.; REIS, L. F. (Org.). *Hispanismo 2000*, p. 239-256. Brasília: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte/ABH.
- \_\_\_\_\_ (2003). Lugares de interpretação do fenômeno da aquisição de línguas estrangeiras. Em: *Estudos Lingüísticos*, n. XXXIII, Campinas (SP), UNICAMP.
- \_\_\_\_\_ (2005). Quantas caras tem a transferência? Os clíticos no processo de aquisição/aprendizagem do Espanhol/Língua Estrangeira. Em: BRUNO, Fátima (Org.). *Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras: reflexão e prática*, p. 53-70. S. Carlos (SP): Claraluz.
- \_\_\_\_\_ (2008). Português brasileiro y español: lenguas inversamente asimétricas. Em: CELADA, María Tereza; GONZÁLEZ, Neide Maia (Org. dossier). *Gestos trazan distinciones entre la lengua española y el portugués brasileiro, SIGNOS ELE*, diciembre.
- Disponível em: <http://www.salvador.edu.ar/signosele/> Acessado em 23/10/2013.
- GROPPI, Mirta (1997). *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. São Paulo.
- KATO, Mary (1993). The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. Em: ASHBY, W.; et alii (Org.). *Linguistics Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on romance Languages*, p. 225-235. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (2002). Pronomes fortes e fracos na sintaxe do Português Brasileiro. Em: *Revista Portuguesa de Filologia*, v. XX, Coimbra, Portugal, p. 101-122.
- \_\_\_\_\_ (2003). Null objects, null resumptives and VP-ellipsis in European and Brazilian Portuguese. Em: QUER, Josep; et alii (Org.). *Romance Languages and Linguistic Theory*, p. 131-154. Amsterdam: John Benjamins.

- \_\_\_\_\_ (2005). A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. Em: MARQUES, M. A.; *et alii* (Org.). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino*, p. 131-145. Braga, CEHUM (U. do Minho).
- KATO, Mary; TARALLO, Fernando (1986). Anything YOU can do in Brazilian Portuguese. Em: JAEGGLI, Osvaldo; SILVA CORVALÁN, Carmen (Org.). *Studies in Romance Linguistics*, p. 346-358. Dordrecht: Foris.
- LABOV, William (2008). *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola. Trad. de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Carolina R. Cardoso.
- LICERAS, Juana Muñoz (1996). *La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal*. Madrid: Síntesis.
- \_\_\_\_\_ (1997). The now and then of L2 growing pains. Views on the acquisition and use of a second language. Em: *EUROSLA '97. Proceedings*, Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, p. 65-85.
- \_\_\_\_\_ (2002). Spanish L1/L2 crossroads: can we get there from here? Em: PÉREZ-LEROUX, Ana Teresa; ROBERGE, Yves. *Romance linguistics: Theory and acquisition*, p. 317-350. Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (2003). Monosyllabic place-holders in early child language and the L1/L2 'Fundamental Difference Hypothesis'. Em: KEMPCHINSKY, P.; PIÑEROS, C. E. (Org.). *Theory, practice and acquisition. Papers from the 6th Hispanic Linguistics Symposium and the 5th Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese*, p. 258-283. Somerville, Mass.: Cascadilla Press.
- LIGHTFOOT, David (2006). *How new languages emerge*. New York: Cambridge.
- LUCCHESI, Dante (2001). As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). Em: DELTA, v. 17, n. 1, p. 97-130.
- MAGALHÃES, Telma (2006). *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp, São Paulo.
- Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000385238> Acesso em: 23/10/2013.
- MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (2004). *O português são dois*. São Paulo: Parábola.
- NUNES, Jairo Morais (1993). Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. Em: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português Brasileiro. Uma viagem Diacrônica*, p. 207-222. Campinas – SP: Editora da Unicamp.
- SIMÕES, Adriana Martins (2006). *Preenchimento do objeto direto pronominal de terceira pessoa no espanhol, no português brasileiro e na produção não-nativa em espanhol de falantes do PB*. Trabalho de Graduação Individual. Área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. DLM/FFLCH/USP, São Paulo.
- SIMÕES, Adriana Martins (2010). *Clítico, objeto nulo ou pronome tônico? Quanto e como a variação/mudança no paradigma do preenchimento pronominal do objeto acusativo de 3ª pessoa no português brasileiro se reflete na aquisição/aprendizagem do espanhol pelos aprendizes brasileiros ao longo das gerações*. Dissertação de Mestrado. DLM/FFLCH/USP, São Paulo.
- Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-16112010-164450/pt-br.php> Acesso em: 23/10/2013.
- SOARES, Magda (2002). *Português: Uma proposta para o letramento*. São Paulo: Moderna.

TARALLO, Fernando (1993). Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. Em: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Org.). *Português Brasileiro. Uma viagem Diacrônica*, p. 69-105. Campinas - SP: Editora da Unicamp.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marwin (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial. Trad. de Marcos Bagno.

YOKOTA, Rosa (2007). *O que eu falo não se escreve. E o que eu escrevo alguém fala? A variabilidade no uso do objeto direto anafórico na produção oral e escrita de aprendizes brasileiros de espanhol*. Tese de Doutorado. DLM/FFLCH/USP, São Paulo.

Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06112007-114658/pt-br.php> Acessado em 23/10/2013.

## Anexos

Gráfico 1 - Índice de aceitabilidade do clítico na gramática não nativa e na gramática do PB (SIMÕES, 2010, p. 162).

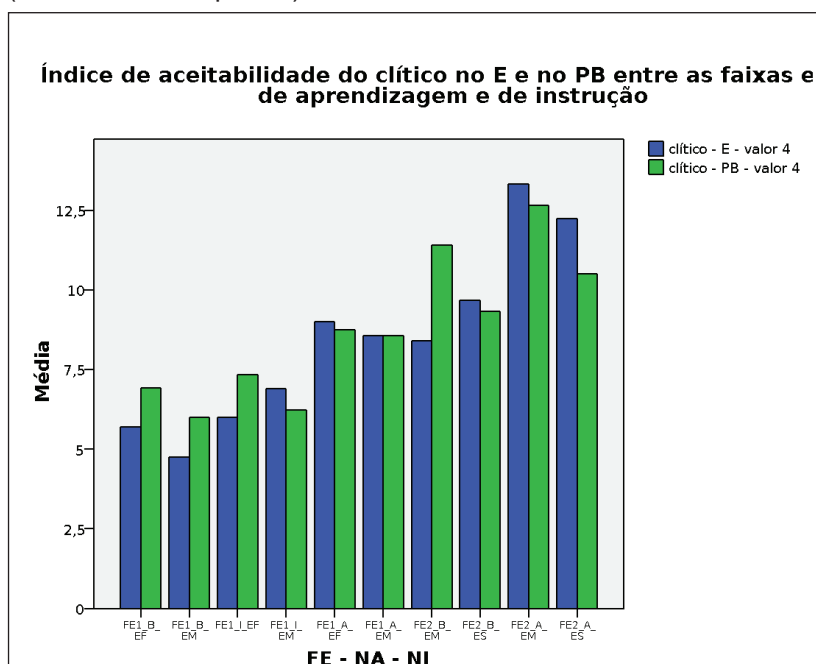


Gráfico 2 - Índice de aceitabilidade do objeto nulo na gramática não nativa e na gramática do PB (SIMÕES, 2010, p. 166).



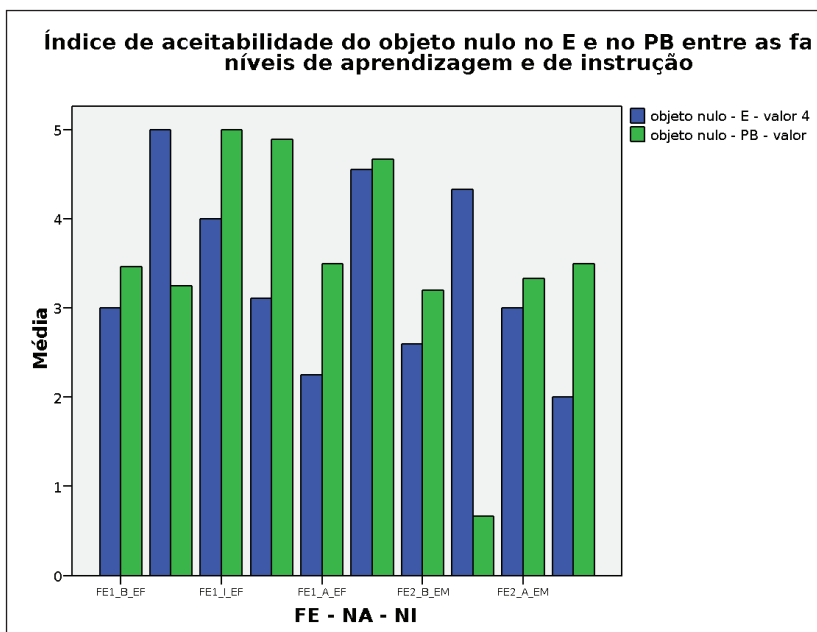


Gráfico 3 - Índice de aceitabilidade do pronome lexical na gramática não nativa e na gramática do PB (SIMÕES, 2010, p. 170).

